

Zona em construção acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística¹

Antonio Fausto Neto ²

Fabiane Sgorla ³

Resumo: Discute-se a problemática da recepção – aqui especificada na situação do leitor de jornal – a partir dois conceitos convergentes: “zona de contato” e “zona de interpenetração”. Através de análise de materiais jornalísticos, descreve-se “estratégias de indução do leitor” que são acionadas em contextos da “Sociedade Midiática” e da “Sociedade em vias Mdiatização”. Os dados mostram que, apesar das referidas zonas promoverem o acesso/mobilidade do leitor na ambiência jornalística, o trabalho interpretativo feito pelo ator em recepção ultrapassa os horizontes e as expectativas regulatórias da produção nesses espaços, revelando que o mesmo não se fixa aos protocolos de indução. Dinâmicas da circulação que se complexificam na “Sociedade em vias de Mdiatização”, instituem acoplamentos entre produtores e receptores, segundo interações que merecem novas pesquisas.

Palavras-chave: zonas de contato, recepção; jornalismo

Interaction spaces

access and mobility to reception in the journalistic ambience

Abstract: This paper discusses the reception – specific in newspaper reader cases – from two convergent concepts: “spaces of contacts” and “spaces of interpenetration”. By empirical analysis, we describe the “strategies of readers induction”, which are activated in the contexts of “Mediatic Society” or “Mediatization”. The results present that, besides the specific spaces promote the accessibility and mobilization for the reader into the journalistic ambience, the interpretative activity (made by the newspaper readers) goes out of the border and regulatory expectation elaborated by journalism. This operation shows that the readers are not completely fixed by the induction protocols. The circulation becomes more complex in the mediatization context, establishing linkages between producers and reception, through interactions that must be analyzed.

Keywords: spaces of interaction; reception; journalism

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos” do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

² Professor titular (UNISINOS/São Leopoldo/RS). Email: fausto@unisinós.br.

³ Doutoranda em Ciências da Comunicação (UNISINOS/São Leopoldo/RS). Email: fabianesgorla@gmail.com.

Há duas décadas, Maurice Mouillaud, no artigo *Postures du Lecteur*, refletia sobre o *status* do leitor de jornal. Particularmente, interrogava onde o leitor estaria situado, lembrando que este lhe parecia mais como uma espécie de entidade (anônima). Destacava-se mais como um convidado e/ou personagem, efeito de ações pragmáticas de “contratos de leitura”, que visariam submetê-lo aos horizontes de “leitura orientada”. As observações deste importante semiólogo foram elaboradas no contexto de uma sociedade marcada pela proeminência dos meios e de suas estratégias de leitura que estimavam poder enquadrar o leitor em protocolos técnico-discursivos previamente pensados pelas gramáticas em produção.

Nesta circunstância, o jornal teria para o leitor um *status* parecido com o de uma carta, enquanto espécie de documento que despontaria como o lugar portador da referência, não cabendo, portanto, ao leitor, pleitear qualquer outra condição, a não ser a postura para a qual fora concebido. A atividade simbólico-discursiva do leitor se constituiria, assim, numa espécie de “conduta temporal induzida pelo jornal cotidiano (considerado como objeto pragmático)” (MOUILLAUD, 1994) – noção central para se entender os propósitos desta comunicação.

Guarda-se de Mouillaud a ênfase de sua hipótese: o leitor como um produto de um ato de indução realizado pelo dispositivo jornalístico, ação na qual se instalam as possibilidades de elos e de interação entre meios e a sociedade. Tal hipótese sugere admitir que, ao longo do percurso da “Sociedade dos Meios” a “Sociedade em vias de Mídiação”, que a existência do leitor é resultante das possibilidades de acesso e de mobilidade dos atores sociais ao mundo dos meios (“velhos” e “novos”) e, segundo condições que, na sua maior parte, são estabelecidas por ações proferidas no âmbito da própria realidade dos sistemas midiáticos. Tanto numa como na outra sociedade observamos relações entre o sistema midiático e seu entorno constituído pelos atores sociais, na condição de recepção, através de “zonas de interpenetração” (LUHMANN, 2005) ou de “zona de contatos” (FAUSTO NETO, 2010), na qual se tecem contatos e interações entre a realidade midiática e os atores sociais.

No busca pelo esclarecimento desses conceitos, Fausto Neto (2011, p.240), entende que os processos interacionais envolvendo jornal/leitor ocorrem neste espaço onde “produtores e receptores projetam lógicas de suas experiências no trabalho enunciativo” e, através da construção e do trânsito de discursos, negociam/articulam/disputam sentidos. Nesse raciocínio, a “zona de contato” seria organizada pela atividade jornalística no intento de ser o local onde instituições dessa natureza e seus atores tecem interações com receptores, acionando suas estratégias no âmbito deste espaço.

Para discutir a “zona de contato”, Fausto Neto (2012) se ampara no entendimento de *interpenetração*⁴ entre sistema e meio, formulado por Luhmann (2009), buscando compreender as articulações e acoplamentos entre eles. Conforme este autor, a relação de interpenetração “não se trata de uma relação geral entre sistema e meio, mas sim de uma relação entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao meio do outro” (2009, p. 267-268). Assim sendo, um sistema penetra com suas lógicas no meio e esse meio, simultaneamente, insere-se com suas lógicas no sistema fazendo com que ambos se influenciem. A formação das estruturas do sistema penetrador é co-determinada por aquelas formações que emanam do entorno, as quais, por sua vez, sofrem também manifestações do sistema penetrador.

Essa problemática também situada no domínio dos estudos midiáticos, particularmente, quando se busca compreender a relação entre sistema/meios na “Sociedade Midiática” ou “Sociedade dos Meios” e também na “Sociedade em vias de Midiatização”. Ao nos debruçarmos sobre a questão do “contato” na

⁴ No processo de interpenetração Luhmann (p. 267-268) entende que “não se trata de uma relação geral entre sistema e meio, mas sim de uma relação entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao meio do outro. (...) Fala-se em penetração, quando um sistema disponibiliza a sua própria complexidade, para que outro se construa. (...) Assim, existe interpenetração, quando essa situação é recíproca: ou seja, quando ambos os sistemas mutuamente permitem-se proporcionar sua própria complexidade pré-construída. (...) Em caso de penetração, o comportamento do sistema penetrador está co-determinado pelo sistema receptor. No caso da interpenetração, o sistema receptor exerce também uma influência retroativa, sobre a formação de estruturas do sistema penetrador, intervindo nele, portanto de duas formas: a partir do interior e do exterior. (...) Os sistemas que interpenetram permanecem como meio um para o outro, significando que a complexidade que mutuamente disponibilizam é inapreensível, isto é, desordem”.

“Sociedade Midiática” (VERÓN, 2002) observamos que os meios se constituíam em dispositivos de produção e de representação das atividades as quais se passariam noutros campos sociais. Esta condição acentuou largamente a sua vocação mediadora, enquanto “elo de contato” entre instituições e a sociedade. Referida atividade se faria, por exemplo, pelo reconhecimento do trabalho dos jornalistas, e de modo específico, em espaços que eram dispostos para a intervenção do leitor, através de induções.

Historicamente, o processo interacional tinha como “índice-convite” a seção “Carta do leitor” pela qual o jornal explicitava a sua vocação mediadora, e, ao mesmo tempo buscava a consolidação do acesso do leitor à realidade das mídias. Neste aspecto se estruturava uma primeira noção de “zona de contato”, na qual jornal e leitorado teciam interações ensejadas por um processo de circulação, sobre o qual o dispositivo midiático exercia acentuada possibilidade de regulação.

Em um contexto mais recente, o da “Sociedade em vias de Mídiação” (FAUSTO NETO, 2006), observa-se o enfraquecimento desta atividade mediadora, acima descrita, na medida em que a “arquitetura comunicacional” está envolta em uma nova complexidade de contatos. Desta resultam não somente novas possibilidades de acesso aos meios, mas também de manejo de tecnologias de comunicação, por parte dos atores sociais. O *status* da recepção sofre mutações na medida em que se amplifica a natureza do seu trabalho comunicacional até então, restrito às mãos de “peritos”. Um dos principais efeitos gerados por esta nova realidade é a complexificação do funcionamento “zona de contato” (FAUSTO NETO, 2010), provocando novas relações entre produtores e receptores. A transversalidade das lógicas e operações da mídiação, além de reformularem o *status* hipertrofiado de vínculos entre produtores e receptores de discursos, afeta a própria zona.

Para discutir os processos de contato, à luz desses conceitos – “zona de contatos” e “zonas de interpenetração” – interessa-nos examinar as posturas do leitor e, particularmente, como os processos de indução de sua existência vêm sendo engendrados e transformados na ambiência das práticas jornalísticas.

Ainda que de modo econômico, buscaremos demonstrar dois aspectos sobre características que envolvem a inserção e mobilidade dos atores em recepção, na ambiência jornalística: (a) *evolução das formas de convite (indução)* à participação dos atores em recepção por meio de acesso a um trabalho a ser feito via “zonas de contato”, formalizadas pelas instituições jornalísticas e (b) *examinamos um registro de atualização de manifestações nas “zonas de contato”*, a partir de mídias jornalísticas digitais – em um estudo de caso.

Também, leva-se em conta nessa análise o fato de que, particularmente, no contexto da “Sociedade em vias de Mídiação”, o funcionamento da zona de interação desenvolve por outro trabalho de natureza coenunciativa, que exige olhares mais cuidadosos sobre os processos internacionais aí praticados. Pressupomos, dentre outras questões, que nesses novos processos, os dispositivos jornalísticos, por mais que promovam transformações em suas práticas, com a promessa de uma maior interação com os atores sociais em recepção, ainda possuem como primordial preocupação o exercício de um modelo de enunciação que os distinga como dispositivos de mediação social.

Do ponto de vista empírico-analítico faremos, de um lado, um breve mapeamento sobre a constituição e funcionamento da “zona de contato”, descrevendo algumas características das “estratégias de indução” através das quais se dá ao leitor um “modo de existência” no cenário jornalístico. Tal mapeamento percorre um processo que se institui com a “carta do leitor” e desemboca, praticamente, nas novas transações tecno-discursivas, no atual cenário da comunicação digital. De outro lado, desenvolve-se outro movimento de análise sobre a dinâmica de um modelo de “zona de contato” em funcionamento, através do estudo de um *Blog* jornalístico de colunista *Rosane de Oliveira* (wp.clicrbs.com.br/rosanedeoliveira) do *Jornal Zero Hora*, de Porto Alegre e circulação no Rio Grande do Sul.

A articulação desta proposta com os estudos de recepção é não pensarmos o trabalho da recepção ou o de produção isoladamente, mas sim, “indo adiante” (BRAGA, 2012) de suas circunscrições e fronteiras, situando-os no âmbito das tensões de circulação enquanto um ‘feixe de relações’. Visa-se

assim extrair dessas observações pistas que nos ajudem a descrever nossas hipóteses. Nessa discussão, o fato de o jornalismo estar sendo objeto de várias transformações em seus ambientes, nas atividades de seus atores, nas suas narratividades e nas suas interações com públicos, justificam nosso intuito e nos motivam a discussão acerca da sua vocação de mediador social.

1. Proeminência da mediação jornalística e a indução do leitor

Conforme descreveremos a seguir, há um conjunto de situações que caracterizam as condições de constituição e de funcionamento das interações, que vem sofrendo variações e transformações, e que se manifestam nas condições de acesso e de mobilidade ao leitor no âmbito deste espaço.

1.1 Criando o leitor

No contexto da “Sociedade Midiática” a existência do leitor resultava diretamente de “convites” do sistema jornalístico, reunindo as regulações e os horizontes de trabalho a ser feito pelo leitor. Estruturava-se em torno de uma dinâmica de circulação que impunha relativa mobilidade ao leitor. Sua participação resultaria de uma chegada programada nos bastidores das redações, mediante cartas, telegramas, ligações telefônicas e visitas pessoais, etc. Colocando-se explicitamente, como um mediador institucional, o jornal ensejava condições para que se produzisse em sua ambiência, e segundo critérios de enunciação por ele monitoradas, a existência do leitor.

Visualiza-se este mecanismo através de seções instituídas como em alguns jornais, como por exemplo , *Fale Aqui* (Aqui DF, Brasília, 07/04/2012) e *A Voz do Leitor* (Jornal do Comércio, Recife, 31/12/2013), em que aparecem em páginas as quais se editam materiais enviadas pelos leitores. O “território do leitor” é nomeado por operadores de identificação, como, por exemplo, *Sua Opinião*, sendo toda a página consagrada à veiculação de relatos e a reclamações de leitores, ou subterritórios, na forma de colunas como *A Voz e a Vez do Leitor* (Diário de São Paulo, São Paulo, 14/06/2012). Não se trata de um território no

qual o jornal exerceria apenas uma “supervisão à distância”, pelo contrário, operaria como um ator, explicitando a sua condição de “mediador de conflitos” que envolvem leitores e instituições.

Tal mediação se operacionaliza através de passos, por parte do jornal, através dos quais relata a denúncia da recepção e registra a escuta que faz junto aos que reclamam, trazendo sua versão numa espécie de “prestação de contas”. Porém, há mecanismos que mostram o jornal agindo como mediador – como uma espécie de balcão de reclamação – e que se manifesta através de seções específicas, em páginas especializadas (ex.: Editoria *Cidades*), na forma de diálogo entre jornal/leitor: *Bom dia, é do ALÔ, ALÔ? – É sim, posso ajudar com alguma coisa?* (AQUI Pernambuco, Recife, 17/02/2009).

Em tom mais impessoal, a mediação se explicita através de coluna, na qual o jornal enuncia o seu “lugar de fala” no título da seção *Pede-se providência* (Diário Gaúcho, Porto Alegre, 2013). Essa coluna traz relatos de leitores, tratados de modo anônimo pela enunciação jornalística, que expressam reclamações, exigem solução de problemas, denunciam irregularidades, etc. Como exemplos dessas enunciações: *moradora da Alvorada reclama (...); morador do Viamão solicita (...); morador de Cachoeirinha se queixa (...)*. Porém, a coluna fecha o trabalho enunciativo segundo operação que marca a existência do mediador. Através de um intertítulo, nomeado como *Explicação ao Povo*, registra o resultado de alguma gestão feita por ele, junto a alguma instituição cujos serviços são reclamados pelo leitor. Com esta situação infere-se que o jornal complexifica a “vocação mediadora”, na medida em que é quem faz o “fechamento de sentidos” do trabalho interacional produzido na “zona de contato”.

1.2 Evolução de protocolos

Protocolos, além de evoluírem – através de novos tipos de contatos, cristalizando a “vocação mediadora” do jornal e oferecendo várias possibilidades de inserção e de mobilidade do leitor – vão sendo especializados, prefigurando os novos horizontes de trabalho do leitor, através de “regimes de enunciação”

que assegurem uma amplificação da palavra do leitor. São colunas diversas, nas quais especialistas de diferentes ramos – sexólogos, terapeutas, astrólogos, consultoras sentimentais, especialistas dos campos da saúde e jurídicos, etc. - respondem as questões que lhes são dirigidas pelos receptores, mediante vários expedientes de acesso (telefone, carta, email, contato pessoal, entre outros) e de estratégias enunciativas nas quais escorrem, de certa forma, “palavras do leitor”. A interação resulta de novas condições de circulação de discursos, uma vez que além do ingresso do leitor na coenunciação, há algo que o transforma em um novo personagem da realidade midiática: sua fala é captada por uma escuta especializada.

Esta preocupação com a chegada do leitor e a sua metamorfose em personagem já é sinalizada na primeira página da edição jornalística, espaço no qual são evidenciadas regras e marcas do processo do seu enlace com o jornal. Atento com a adesão do leitor à produção editorial, o jornal aponta na primeira página o endereço de e-mail indicando, por exemplo, como o leitor pode contribuir com a pauta da próxima edição: *Redação: Pauta - xxxxx@.com.br*. Um elenco de outras possibilidades procura dar conta da qualidade da interação prometida, especialmente, a eficácia que resultaria deste engajamento do leitor no mundo textual do jornal e desta realidade potencializadora de novas interações.

A página dedicada ao leitor, além do seu *status* clássico, é convertida num “porto de chegada” – território no qual encontros serão realizados, embates serão equacionados e perdas resgatadas, etc., por exemplo: *Ache o amor de sua vida, procure pessoas desaparecidas, aumente seus conhecimentos, cobre dos políticos, faça valer os seus direitos de cidadão! Escreva reclame, participe!* (Meia Hora, Rio de Janeiro, 24/12/2012).

Ademais de se oferecer como “espaço psíquico” para o relato do sonho de um leitor – *Meu Sonho é* – o jornal desdobra sua condição mediadora ao se oferecer como instância para buscar solução às questões do leitor feitas em seu relato. Para tanto, o jornal age como procurador, ao pedir a intervenção de especialistas, ou de pessoas que possam ajudar o leitor-demandante na “solução

do sonho”. A rigor, os pedidos que envolvem a solução de problemas, muitas vezes são de caráter material: *Se você pode ajudar a realizar o sonho acima, telefone para o Diário Gaúcho* (Diário Gaúcho, Porto Alegre, 2010).

Páginas como *Do leitor do Zero Hora* (Zero Hora, Porto Alegre, 2012), são convertidas em tribunas para “fazer falar” o leitor, produzindo respostas a perguntas formuladas pelas editorias, numa espécie de “tarefa para casa”, que envolve um problema de informação utilitária: *Você se preocupa com alimentação?; Qual a sua opinião sobre a interrupção da gravidez de anencéfalos?* Os resultados da tarefa confiada ao leitor são comentados posteriormente pela editoria, em termos de dados qualitativos: *o tema desta semana foi comentado por 65 leitores, em mensagens a redação de ZH e postagens no mural ZH online* (Zero Hora, Porto Alegre, 21/04/2012).

1.3 O logro da coenunciação

Outras discursividades produzidas pelo leitor ingressam, sob certas condições na “zona de interpenetração”, são enunciadas no contexto discursivo a partir de situações de coenunciações. Os leitores são designados como responsáveis por colunas no contexto de páginas que lhes são dedicadas, como *Eu Repórter* (O Globo e Extra, Rio de Janeiro, 2013); *Foto do Leitor* (Zero Hora, Porto Alegre, 2013) e *Você Fotógrafo* (Diário Catarinense, Florianópolis, 2013). Imagens por eles produzidas são enviadas para redação que as edita em seções especializadas, atribuindo-lhes créditos, mas interferindo no trabalho de enunciação dos discursos.

Observa-se que, ao complexificar o funcionamento da zona, fazendo nela ingressar o leitor, através de suas mensagens enviadas, o jornal converte o leitor numa espécie de ator do seu processo produtivo, segundo designações como: *Maria escolheu ângulo diferente para fotografar o chafariz do parque Farroupilha; Manuela aproveitou as luzes de um arco-íris para fazer um clique diferenciado da lagoa Conceição; O leitor Rafael fotografou dois bueiros entre a Av. Rio Branco e a Rua México; Leitores de O Globo atenderam ao nosso pedido nas redes sociais, enviando fotos a partir do tema das Luzes da*

Cidade; Josué mandou um bonito click da apresentação do coro da Igreja Batista. Porém, se mantém como dispositivo de mediação, pois além de regular as condições de acesso do leitor, e a veiculação dos materiais enviados, há sempre um discurso institucional-jornalístico que se sobrepõe ao do leitor, comentando as motivações de sua produção, indicando as condições do seu envio ou mesmo registrando que, em última análise, os materiais resultam de pedidos feitos junto ao leitor pelo próprio dispositivo jornalístico.

1.4 Zona: espaço de colaboração ou de disputa de lógicas?

No início dos anos 90, a midiaticização crescente das instituições e de suas práticas sociais faz emergir uma nova paisagem de processos de interação, revelando um “novo modo de estar no mundo” (GOMES, 2010). Como efeito da intensa circulação midiática que se processa na ambiência midiaticizada, bem como do surgimento dos novos mecanismos comunicacionais, observamos uma complexificação das estruturas e dinâmicas das “zonas de contato” do jornalismo, o surgimento de novas formas de narrativas e de regimes de coenunciação a partir da multiplicidade de ofertas e intensificação de participação e produção de circulação de mensagens.

Através de um trabalho técnico-discursivo midiático, as “zonas de contato” que envolvem instituições jornalísticas e seus usuários, funcionam hoje como espaços geradores de outras possibilidades de interação. Como exemplo, citamos os dispositivos que estimulam relacionamento entre jornalismo e público, provocando e prometendo conversação. Através de sistemas como *chats, blogs*, perfis em redes sociais (como *Facebook* e *Twitter*), o jornalismo de diferentes origens, busca atrair os atores em recepção que já estão instalados nas redes e inseridos na lógica da midiaticização.

Após esta aproximação sobre o cenário da constituição e das transformações das “zonas de contato”, buscamos nos acercar de um fenômeno empírico a fim de acompanhar os movimentos e imbricações entre produtores e receptores acionado em um determinado modelo.

2. A movimentação nas “zonas de contato” – caso *Blog de Rosane de Oliveira*

Na observação empírica sobre o *Blog* da colunista *Rosane de Oliveira*, o qual funciona como um “suporte” ao seu espaço da edição impressa de *Jornal Zero Hora*, consideraremos cinco textos da colunista/blogueira relacionados ao tema vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2013 em Porto Alegre, que se intitulam: “Mãe de vestibulando” (14 de jan.), “Prova de resistência” (14 de jan.), “Ler para escrever melhor” (15 de jan.), “Prazer em compartilhar” (16 de jan.) e “Tijolo nas costas” (17 de jan.). Esses geram um total de nove⁵ comentários.

Conhecida por sua especialidade no âmbito do jornalismo político, *Rosane de Oliveira* esclarece que fora convidada pela Editoria de *Vestibular de ZH* para relatar também sua experiência como mãe de vestibulando. Nesta produção “por encomenda”, na qual é ‘transformada em leitora’, descreveu, em primeira pessoa verbal, a vivência de sua filha na realização do vestibular da UFRGS, explicando as dificuldades por ela enfrentadas, bem como compartilhando suas ansiedades de mãe. Como marcas disso, destacamos o trecho do texto “Mãe de vestibulando” (14 de jan.): *Na manhã deste domingo, estarei no pátio de uma escola do bairro Floresta, esperando minha caçula sair das primeiras provas. Talvez eu me angustie, talvez seja apenas espectadora da angústia de outros pais.*

Porém, a colunista registra a mudança em seu lugar de fala – que de *Blog* é transformado no que ela chama de “coluninha” – indiciando que escreveria na condição de testemunha, ao expressar seu papel de mãe. A estratégia discursiva testemunhal é então marca do discurso de *Rosane*, que produz uma espécie de “relato de leitor” – mas de um leitor privilegiado, usufruindo do lugar de jornalista na função de leitora, algo que lhe assegura, todavia, o seu *status* de mediadora. Logo, investida da posição de também de jornalista (avaliadora e mediadora social), *Rosane* ocupou o espaço ainda para emitir reflexões sobre

⁵ Para preservar o anonimato dos comentaristas identificamos os comentários seguindo a numeração de 1 a 9.

temas como o sistema educacional no Brasil, processo de seleção para ingresso em universidades públicas e privadas, literatura, etc.

O convite à participação do leitor se dá através da página da jornalista no jornal *Zero Hora*, a qual destaca o endereço eletrônico de acesso ao *Blog de Rosane de Oliveira*, ao lado de sua fotografia da colunista. Ambos funcionam como operadores referenciais ao estimular a ação de ingresso do leitor-internauta. Também é possível constatar que a própria sistemática do *Blog* (postagem/comentário) – algo já incorporado pela cultura midiática de hoje – como um atual registro de convite para a interação produtor/receptor. A apresentação do perfil da colunista⁶ em seu *Blog*, por sua vez, mostra indícios de sua “vontade de contato”, por explicitar os locais em que a mesma pode ser encontrada. E ainda o enunciado *Fale com a colunista* – acompanhado pelo endereço de e-mail da jornalista – presente no *Blog*, chama o leitor para uma conversa em particular com *Oliveira*.

O acesso e a mobilidade no *Blog Rosane de Oliveira* são mediados por certos protocolos técnico-discursivos que cerceiam a inserção de discursos por parte desses atores em recepção nas estruturas dos comentários. Uma das marcas dos “métodos de vigilância” é observada no dispositivo em análise a partir de um *link* que apresenta normas – *Termos e condições para publicação de comentários de leitores*⁷. Nesse espaço, o sistema midiático dá a entender que a prometida interação não é livre e é acionada como uma “zona de contato” regulada, a qual para se ter acesso exigem-se certas condições explícitas através de determinadas “regras de entrada”, as quais deveriam ser observadas pelo leitor. Essas condições seriam, assim, referências unilaterais por parte do jornal ou colunista, que lhes dão o aval para que se produza a indução sobre o receptor.

⁶ “Editora de Política de Zero Hora e colunista responsável pela Página 10, sou uma das apresentadoras do Gaúcha Atualidade, faço um comentário no Jornal TVCOM e, ao longo do dia, distribuo informações e observações neste blog e no *Twitter*, pelo perfil @rosaneoliveira.” Disponível em: <wp.clicrbs.com.br/rosanedeoliveira/> Acessado em 05 de fev. de 2013.

⁷ Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/termo.htm> Acessado em 18 de fevereiro de 2013.

No processo interacional deste tipo de “zona de contato”, observamos algumas dinâmicas que envolveram diretamente os atores através de duas operações: a relação entre atores comentaristas e a relação entre colunistas e atores comentaristas. Verificam-se “duelos” entre a blogueira e os comentaristas entre si, ora fazendo a defesa da blogueira, ora dirigindo-lhe questões, o que aponta conflitos.

As tensões apresentam momentos de concordância e solidariedade com as proposições da colunista e, em outros momentos, críticas que propõem “desajuste dos sentidos” em movimento neste espaço. Como exemplo de concordância, destacamos o comentário identificado nesta pesquisa como (1): *Estou acompanhando a coluna (...) e me identifiquei desde o momento que li (...) para nós a coluna foi de muita importância, por que pudemos compartilhar dúvidas, opiniões e principalmente sentimo-nos confortados com as informações fornecidas através da coluna, graças ao desprendimento da colunista em partilhar com os leitores de Zero Hora sua experiência pessoal.* Também são visíveis registros de discordâncias e de provocações⁸ de ambos os lados, nos quais leitores-comentaristas criticam as opiniões de *Oliveira* e que, por vezes, não são respondidos ou retrucados.

Observamos nestes materiais que o discurso dos atores em recepção veiculados no *Blog* “irritam” de diferentes maneiras o sistema midiático e provocam reformulações nas estratégias que pareciam terem sido planejadas pela colunista. Nesse modelo, os atores em recepção desenvolvem táticas comunicacionais segundo lógicas que nem sempre vão em direção às estratégias das instâncias jornalísticas.

As mensagens emitidas pelos leitores e recebidas no caso do *Blog* em estudo geram novas enunciações, particularmente, quando são feitas citações, pela jornalista, sobre os comentários dos internautas. *Oliveira* enfatiza como estratégia a forma do discurso indireto para registrar a existência dos que

⁸ Questões registradas no texto identificado nesta pesquisa como Comentário 2, publicado em 14 de janeiro de 2013 e do Comentário 3, publicado em 15 de janeiro de 2013 no Blog Rosane de Oliveria, Zero Hora. Disponíveis em: <<http://wp.clicrbs.com.br/rosanedeoliveira/2013/01/14/prova-de-resistencia/?topo=13,1,1,,13>> Acessados em 18 de fevereiro de 2013.

comentam, mas não marca a presença dos interlocutores no corpo do *Blog* a partir da sinalização de sua voz. Mesmo a forma linguística do discurso direto, protegido via aspas, não é acionada por ela, o que declararia a existência real de coenunciadores no processo interacional. Assim, além de enunciar na “zona de contato” a sua própria fala, *Oliveira* usa o discurso indireto para referir-se ao discurso do comentarista-interlocutor, cujas marcas, como dissemos, ela profere de modo alusivo.

Em seu discurso, a jornalista expõe ainda intervenções de seu leitor que vem de outros cenários discursivos, fora deste sistema de “zona de contato” em análise – como é o caso das conversas pessoais e ligações telefônicas. Rastros disso são observados mais especificamente na postagem de *Oliveira*, com o título “Prazer em compartilhar” (16 de jan.), visualizados a partir de trechos como: *Um deles escreveu dizendo que entende (...); O pai de um vestibulando que disputa vaga no Direito me acusa de (...); Uma mãe liga para dizer que estou (...)*. A aproximação dos receptores mostra que, por mais estruturada que seja a “zonas de contato” e regulares sejam seus convites, existem outras estratégias que se desenvolvem ou funcionam às margens de suas configurações. Isso nos leva a inferir que a “zona de contato” justamente não se estruturaria por meio de ações automáticas e nem lineares, na medida em que ela seria afetada por outras ocorrências que se manifestariam no entorno, à revelia de suas lógicas ditadas.

Este modelo de interação examinado deixa também claro não haver convergência entre falas jornalísticas e a dos leitores, em virtude da subtração da fala dos leitores no processo enunciativo. O jornalista fala, provocando o contato com o leitor, mas em seguida, ele controla a fala da recepção, na medida em que conduz para esferas por ele definidas – “quadros interpretativos” atribuídos ao receptor – e segundo marcas de enunciação que são, por ele, jornalista, proferida. Ou seja, jornalista fala, em seguida vem a fala do ator em recepção, porém, ao controlar a enunciação do sujeito em recepção, o jornalista desdobra o suposto dito pelo receptor em meio aos seus ditos. Nessa lógica, o jornalista interpreta o que o receptor quer dizer, alude a ele, porém não traz a cena a sua enunciação, não deixando, assim, emergir no contexto do *Blog*, a

palavra da recepção. Desta forma, o jornalista, então, assume a “pilotagem da enunciação”, de algo que foi dito por alguém, mas que não aparece.

A observação deste empírico nos leva também a reflexão de que o final da produção deste processo interacional se efetiva com a última palavra da jornalista na “zona de contato”. Nesse jogo de alternância, e apesar da ação do leitor ressoar de modo marcante na construção jornalística e provocar a construção de um texto mais híbrido e polifônico, a palavra final seria a do “perito”. Logo, as possibilidades de interação entre jornalismo e leitor, por meio de intervenções nas “zonas de contato”, a partir deste regime de interação, revelam uma abertura – como uma “porta de acesso” ao mundo dos sistemas midiáticos. Contudo, tal abertura é relativa, pois é elaborada a partir de regras e lógicas instituídas pelo próprio sistema midiático, onde – desde o *convite* até o confronto (jornal-público) – parece há uma espécie de moderação.

Considerações finais

O processo interacional entre jornal e leitor atualiza-se crescentemente, a partir das tecnologias intensamente transformadas em meios. Seria impossível pensar nas estruturas de “zonas de contato” hoje, em emergência, nos mesmos moldes com que funcionavam há, pelo menos, três décadas passadas. Observamos, que, em uma “Sociedade Midiática”, produtores e receptores estavam dispostos em situações de contatos muito específicas e, nesse cenário, dinâmicas das temporalidades e a espacialidades que organizavam as relações entre os atores eram marcadas por distâncias e intervalos cadenciados por tecnologias distintas aos cenários de hoje, no contexto da “Sociedade em vias da Mídiação”. Era por isso que as condições de acesso/instalação do leitor na topografia jornalista seguiam rituais e hierarquias portadores de menor complexidade. As interações se faziam segundo regimes de escuta menos instáveis, na medida em que critérios sócio-demográficos pareciam ser suficientes para definir o perfil e a mobilidade do leitor.

Com a intensidade de outro processo de circulação, característico de uma “Sociedade em vias de Mídiação”, a “zona de contato” mostra outra

dinâmica, pondo em ação produtores e receptores em outra velocidade. A apropriação tecnológica, discursiva e a habilidade em trabalhar com os mecanismos de mídia, tanto por parte dos produtores e quanto receptores, tem gerado mais autonomia, mas, ao mesmo tempo, novas relações entre eles. O sistema midiático requer lidar com novas formas de contato com os atores em recepção, mediante lógicas e operações que se contatam, mas não se anulam.

Nesse sentido, produção e recepção não são vetores que desaparecem, mas atualizam suas condições segundo novas dinâmicas de contatos animadas pela tensão acesso/ fixação/dissipação – elementos que vão configurando novas possibilidades interacionais. É numa busca por adequar-se a essa nova circulação, que a realidade midiática impõe modos de funcionamento da zona, tentando atrair para um outro tipo de parceira à recepção. Mas, por outro lado, os atores em recepção – já revelam os estudos – não correspondem à convergência dos circuitos de sentidos estimados, na medida em que suas lógicas e operações levam o trabalho interpretativo para novos desencadeamentos. O que esta reflexão pretende destacar é, justamente, o modo com que se produzem as induções de deslocamento do leitor para ser instalado na zona e também para as tensões que aí se passam, sinalizando que o trabalho interacional permanece em aberto.

Referências

- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). **Mediação & Mdiatização**. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPOS, 2012, p. 31-52.
- FAUSTO NETO, Antonio. **As bordas da circulação**. Revista ALCEU, v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010.
- _____; SGORLA, Fabiane. **DESPEDINDO-SE DE FÁTIMA (do Jornal Nacional?): ...vamos ficar órfão (...) o JN fica sem sentido...** . In: Encontro da Compós, 2012, 2012, Juiz de Fora. 21º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2012. v. v.1.
- _____. **Mdiatização, prática social: prática de sentido**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação Em Comunicação (Compós), 15, 2006, Bauru/SP. Anais eletrônicos. CD- ROM.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Sociedade em mdiatização: saude ou esperança**. Paper. PPGCOM/Unisinos, abril de 2010.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à Teoria dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **A Realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.
- MOUILLAUD, Maurice. **Postures du lecteur**. Revista QUADERNI n. 24. Paris 1994.
- VERÓN, Eliseo. La mdiatización, ayer y hoy (Prólogo). In: FAUSTO NETO, Antonio; CARLON. Mario (org). **La Política de los Internautas**. Buenos Aires: La Crujia, 2012.
- _____. **El cuerpo de las imagenes**. Buenos Aires: Norma, 2002.